

Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiro do RJ¹

Beatriz Becker

Resumo: Uma das principais características dos processos de comunicação midiáticos na atualidade é a maior participação da audiência. Neste trabalho pretende-se compreender se a constante convocação dos telespectadores para participar do telejornal, especialmente por meio da veiculação de vídeos produzidos por moradores de diferentes comunidades, tem contribuído para a construção de narrativas televisuais capazes de gerar outros sentidos sobre a experiência social cotidiana, mais diversa e dialógica, a partir de um estudo do noticiário local da principal rede de televisão brasileira e do quadro Parceiro do RJ.

Palavras-chave: telejornalismo local; audiência; Parceiro do RJ

Abstract: **All together - mixed and mingled, but standing apart: a RJTV 1st edition and RJ Partner study** - One of the main features of mediatic communication processes is nowadays the greater audience participation. This paper aims to understand whether the constant call of viewers to participate in television's newscast - especially through the broadcast of videos produced by residents of different communities - has been contributing for the construction of televisual narratives that are able to generate other meanings about the everyday social experience, more diverse and dialogical, from a study of local news in the main Brazilian TV network and the program RJ Partner.

Keywords: local news broadcasting; audience; Partner of RJ

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, em junho de 2012.

Introdução

A tendência do Jornalismo regional de assumir o papel de prestador de serviço à comunidade em diferentes meios, especialmente na televisão, é cada vez mais expressiva. E o número de notícias sobre flagrantes, denúncias e testemunhos registrados em vídeo também se torna frequente nos noticiários, um fenômeno provocado pela convergência das mídias, pela popularização de ferramentas digitais e pelo barateamento dos equipamentos de produção audiovisual. A busca por uma maior proximidade com as camadas mais populares também é uma tendência da mídia contemporânea e da TV aberta brasileira, inclusive da produção de notícias (GOMES, 2011).

O telejornalismo local praticado por veículos brasileiros de comunicação tem procurado assumir uma função social e política explícita através da adoção de modelos editoriais calcados em uma noção de jornalismo comunitário sustentada pela dimensão mercadológica (WELTMAN, 2006). Os jornalistas investem na relação de confiança, de pertencimento com os telespectadores, tecendo os vínculos do telejornal com seus públicos e a própria identidade do telejornal por meio da inserção de falas e depoimentos de populares (COUTINHO; MATA, 2010). Nesse processo, os noticiários televisivos regionais transformam o espaço urbano em um espaço comunicativo porque os processos de comunicação não são modos de imposição de saber, mas são fenômenos dinâmicos através dos quais os saberes transitam (FECHINE, 2006; RESENDE, 2006).

Sabemos que os jornalistas chamam a si a função de definirem e valorizarem os assuntos que podem despertar o interesse da coletividade. Os meios de comunicação social apresentam à comunidade os temas e as pessoas sobre os quais irá incidir o debate social, existindo deste modo uma relação direta entre a agenda dos *media* e a agenda pública. Enquanto os programas noticiosos e as empresas aos quais pertencem se propõem a prestar um serviço essencial às sociedades democráticas, distribuindo informações capazes de colaborar para a qualidade de vida da população, difundem e modelam conhecimentos, e gerenciam a percepção da realidade cotidiana sem promover um questionamento sobre a natureza desta realidade. Porém, as normas e os valores não são um conjunto homogêneo que todos interiorizamos no processo de socialização e com os quais nos conformamos de modo automático, são um conjunto de usos e costumes que sofrem modificações e cuja aceitação é negociada (CORREIA, 2005). Neste trabalho busca-se compreender como são construídas essas dinâmicas negociações discursivas diariamente na tela da tevê, especialmente as interações com a audiência no telejornal local, a partir de um estudo do RJTV 1ª edição e do quadro Parceiro do RJ da Rede Globo. Pretende-se identificar as atuais características de linguagem do telejornal, observando se a maior participação da audiência tem, efetivamente, contribuído para a prática de um jornalismo audiovisual de maior qualidade (BECKER, 2009; MACHADO, 2003).

O RJTV nasceu em janeiro de 1983 para mostrar as principais notícias da cidade e do Estado. O telejornal tinha apenas dez minutos e ia ao ar antes do Jornal Nacional. Hoje, o telejornal tem duas edições (ao meio-dia e às 19h). O RJTV 1ª Edição tem em média 40 minutos de duração e o RJTV 2ª Edição, 15 minutos. A primeira edição reserva mais espaço para os temas comunitários e a segunda privilegia o factual. Na última década, o RJTV 1ª edição apresentou renovações técnicas e estéticas importantes em seu formato, incorporando o potencial das ferramentas digitais na construção do noticiário e respondendo por mais de 60% dos conteúdos noticiosos² sobre o Rio de Janeiro, disponibilizados no portal G1 (<http://g1.globo.com/>), constituindo-se em um ambiente de exploração e experimentação para os telejornais da emissora.

Construindo o objeto de estudo

Em 2005 a equipe do RJTV 1ª edição instalou uma base de produção de notícias na baixada fluminense e também foi implantado o quadro RJ Móvel para divulgar reivindicações populares e valorizar a participação da audiência, buscando fortalecer o telejornal como mediador entre a sociedade e os poderes públicos. Com o RJ Móvel a equipe ganhou mais mobilidade para gravar reportagens e entrar ao vivo de qualquer lugar, via satélite, e passou a percorrer bairros e comunidades da periferia do Rio atentos às denúncias da população sobre a falta de atendimento dos governos estadual e municipal na saúde, no saneamento, na urbanização, entre outros setores da vida social. Em 2009, novas mudanças na equipe e no cenário buscaram conquistar mais pontos no IBOPE, mantendo, porém, a proposta da prestação de serviços para a comunidade, promovendo debates entre a população e as autoridades, e buscando soluções para problemas enfrentados pelos moradores de diferentes bairros por meio da cobrança de ações aos poderes públicos. Em 2011, Ana Paula Araújo assumiu a ancoragem e a edição executiva deste noticiário, e passou a “costurar” o programa com a participação regular de Edmilson Ávila, fazendo intervenções sobre o trânsito, o tempo, e trazendo informações oficiais de secretarias dos governos municipal e estadual. O programa também conta com as participações de Rodrigo Pimentel, ex-capitão do BOPE, e do médico Luiz Fernando Correia, que emitem suas opiniões como especialistas nas reportagens sobre segurança e saúde, destacando esses campos temáticos, e de mais dois comentaristas de esporte e um de cultura. Marcio Gomes exerce a mesma função de Ana Paula Araújo na segunda edição do RJTV, às 19h10. E, eventualmente, ambos os apresentadores são substituídos por outros jornalistas da emissora como Hélder Duarte, Ana Luiza Guimarães e Vandrey Pereira, âncoras das edições do RJTV 1ª edição, fato que ocorreu no período desta análise, quando Ana Paula Araújo, retornando de suas férias, retomou a titularidade da bancada no dia 31 de outubro de 2011. Estas mudanças de apresentadores, entretanto, não chegam a provocar mudanças significativas no formato e no perfil do noticiário.

² Resultado apurado por meio da análise quantitativa dos conteúdos disponibilizados no portal de 15 a 31 de outubro de 2011.

Em 2011, o RJTV também investiu em um novo quadro para estreitar os vínculos com as comunidades e ampliar a cobertura da cidade através de reportagens realizadas por um grupo de jovens moradores de oito áreas metropolitanas do Rio de Janeiro – Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Duque de Caxias, Tijuca, Copacabana, São Gonçalo, Campo Grande e Nova Iguaçu, e, posteriormente, também da área compreendida entre Rocinha, Vidigal e Chácara do Céu. O projeto nasceu na sucursal do Rio, mas já foi e continua a ser incorporado por telejornais da emissora de outras cidades do País. Como define a própria Rede Globo, o Parceiro do RJ “é um quadro do RJTV, que mostra a realidade de diferentes regiões da região metropolitana do Rio sob o ponto de vista do próprio morador. É ele quem apresenta o lugar em que vive, com um olhar que só ele tem, produzindo conteúdo para o telejornal”³. Hoje, o Parceiro do RJ funciona como uma editoria do RJTV 1ª edição e representa quase 10% da produção de notícias do telejornal. A inserção deste quadro, assim como da participação dos comentaristas, não jornalistas, de segurança e se saúde, e do RJ Móvel, além das referidas mudanças do RJTV conferem a este noticiário um valor privilegiado como objeto deste estudo em acordo com a proposta desta investigação.

Os modos como as vozes das comunidades aparecem na tela e as estratégias enunciativas dos noticiários locais para interagir com a audiência resultam em cinco funções distintas e complementares: informar, mediar, orientar, prestar serviço e promover a cidadania. Na tentativa de conquistar a cumplicidade dos telespectadores, esses telejornais se oferecem como aliados da população na defesa dos seus direitos. Há uma quantidade expressiva de sonoras nas matérias e a população do Rio de Janeiro é, efetivamente, representada em quase 60% dos depoimentos das reportagens nas edições analisadas. Porém, mais de 50% dos cidadãos comuns ocupa na narrativa dos telejornais o lugar de vítimas dos conflitos sociais e/ou de desamparados pelos poderes públicos e privados. A maioria dos depoimentos é muito breve e, por esta razão, sequer é creditada, a voz e o rosto dos entrevistados não têm nome, nem profissão. Essas sonoras são utilizadas apenas para autenticar o relato do repórter sobre um determinado fato social durante a edição das reportagens. Seguem, de modo geral, o direcionamento da linha editorial do telejornal, não se configuram como uma opinião, nem trazem novas abordagens de um determinado acontecimento (BECKER, 2007). Por isso, pretende-se compreender também se a constante convocação dos telespectadores para participar do noticiário, agora não só por meio das estratégias discursivas de âncoras e repórteres, mas também por meio da divulgação de números de telefone da redação para contato, da possibilidade de envio de sugestões de pauta, textos e/ou fotos e imagens em movimento e, especialmente, da veiculação de vídeos produzidos por moradores de diferentes comunidades, como o quadro Parceiro do RJ, tem proporcionado um lugar diferenciado para a audiência.

A metodologia aqui adotada para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais é amparada pelas contribuições teóricas da semiologia dos discursos sociais e pela teoria social do discurso, que sugerem a inserção da dimensão crítica do olhar sobre a

³ A esse respeito, consultar: <<http://g1.globo.com>>.

linguagem como prática social. Estudar a linguagem televisiva, porém, significa analisar o modo como a televisão produz sentidos combinando imagens, palavras e outros elementos da narrativa audiovisual. Por esta razão, a inserção da dimensão teórica da análise televisual também é relevante, assim como as possibilidades de compreensão dos processos de comunicação e das práticas jornalísticas sugeridas pelos estudos culturais e pelos estudos de jornalismo. A metodologia é composta por três fases distintas: a descrição do objeto de estudo, a análise televisual, e a interpretação dos resultados alcançados (BECKER, 2012). A análise televisual é constituída por um estudo quantitativo e qualitativo de um *corpus* formado por 14 edições gravadas do RJTV 1ª edição, veiculadas de 15 a 31 de outubro de 2011, reunindo quase 9 horas de material audiovisual, focalizando neste estudo as dez reportagens do Parceiro do RJ exibidas no noticiário neste período, também disponibilizadas no Portal G1. São aplicadas cinco categorias: 1. estrutura do texto; 2. temática; 3. enunciadores; 4. visualidade; e 5. edição, além de três princípios de enunciação: fragmentação; dramatização; e definição de identidades e valores. A etapa da interpretação corresponde à reflexão crítica e à sistematização dos resultados alcançados na realização desta análise.

Em close: o Parceiro do RJ

Os resultados alcançados na aplicação das categorias permitem avaliar atuais características de linguagem do RJTV que influenciam outros telejornais locais do estado e do País. A análise da estrutura do RJTV 1ª edição mostra que os telejornais locais experimentam algumas mudanças de formato influenciadas pelo imediatismo e pela velocidade do fluxo de informações na Internet. Cada edição tem em média 40 minutos, mas os quatro blocos não têm duração fixa. Agora a bancada do(a) âncora é menor do que a tradicional e o estúdio é elaborado para facilitar a movimentação dos jornalistas. Tanto o apresentador(a) quanto os comentaristas que participam do noticiário deixam de aparecer sempre sentados e passam também a apresentar as notícias e a emitir as suas opiniões em pé ou acomodados em poltronas instaladas no estúdio para acomodar os entrevistados. Seus sapatos e/ou as sandálias escondidos durante décadas pelo tradicional plano médio tornam-se visíveis. E se o figurino não sofre mudanças expressivas, é possível ter alguma percepção da dimensão de seus corpos, e suas figuras são ainda mais valorizadas durante a exibição do telejornal. O âncora coordena a narrativa do noticiário composta pelos já reconhecidos formatos de notícia, mas mantém um diálogo constante com os comentaristas de segurança e saúde que participam de quase todas as edições expressando suas opiniões e direcionando a interpretação dos telespectadores sobre determinados acontecimentos ao longo da exibição do telejornal. Enquanto o médico Luiz Fernando procura explicar causas e possíveis prevenções e curas de determinadas doenças ou consequências de problemas de saúde pública, o ex-capitão do BOPE, Rodrigo

Pimentel, mais do que orientar a população sobre questões de segurança no Grande Rio, promove no seu discurso uma espécie de casamento entre a televisão e a polícia na luta contra o crime e a impunidade, buscando conquistar a confiança da população e resgatar a credibilidade dos policiais no Rio de Janeiro. Procura trazer informações sobre o efetivo da polícia militar e sobre a política das secretarias de segurança do Estado e do Município. E em alguns raros momentos deixa escapar uma crítica às ações de policiais envolvidos com a corrupção e reconhece que as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), o novo modelo de Segurança Pública adotado no Rio de Janeiro, nem sempre garantem tranquilidade aos moradores e geram resultados positivos.

A movimentação do âncora, dos jornalistas e dos comentaristas ainda impõe um ritmo mais acelerado ao telejornal no estúdio panorâmico na emissora, onde o Jardim Botânico e o entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas são reconhecidos, e outras imagens de pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro também podem ser inseridas na tela que compõe o cenário. Busca-se valorizar não apenas o *timing* do telejornal, mas a própria atualidade de cada edição através na enunciação, pelo âncora, do horário da transmissão em tempo real ao final de cada bloco. Na apresentação das matérias são destacados não apenas os temas das reportagens, mas também os nomes e as presenças dos repórteres no local do fato relatado, os quais aparecem imediatamente na tela do cenário. Há um incremento dessas entradas ao vivo, que, frequentemente, precedem matérias anteriormente gravadas e editadas sobre um mesmo acontecimento. São utilizadas imagens aéreas do Globocop, fragmentos em vídeo captados por sistemas de segurança de estabelecimentos comerciais e residenciais, conteúdos colaborativos, fotos e infografias. Os caracteres usados em diferentes tamanhos são inseridos não apenas para nomear os enunciadores, mas também para destacar ou complementar as informações do *off* do repórter, assim como os recursos gráficos. E a linguagem do âncora e dos repórteres é cada vez mais coloquial para conquistar a empatia do telespectador. Porém, muitas vezes redundante.

Utilizando os referidos princípios de enunciação, foi possível também identificar as principais estratégias enunciativas do noticiário e os modos como a maior participação da audiência é incorporada nos programas⁴. De fato, esse quadro torna a busca da aproximação com a audiência ainda mais expressiva, abrindo espaço para a produção de matérias de telespectadores. Duplas de jovens de diferentes bairros e municípios do Rio de Janeiro

⁴ 1. Denúncia de não recolhimento de entulhos e lixo na favela Chácara do Céu na Tijuca (17/10/2011); 2. A dança praticada como atividade cultural importante nas comunidades do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo (18/10/2011); 3. A escola para formação de especialistas em confecção de adereços para teatro e carnaval em Nova Iguaçu (19/10/2011); 4. As moradias precárias da chamada área de Triagem na Cidade de Deus construídas para abrigar provisoriamente pessoas desalojadas de suas casas por causa dos riscos provocados pelas chuvas ainda na década de 1960 (20/10/2011); 5. O esgoto a céu aberto no condomínio Henriqueta em Campo Grande (21/10/2011); 6. O banco comunitário de Saracuruna em Duque de Caxias (25/10/2011); 7. A insegurança e a angústia dos moradores de São Gonçalo que sofreram os prejuízos causados pelas chuvas de janeiro de 2010 e continuam morando em áreas de risco e em casas interdadas sem direito ao aluguel social (26/10/2011); 8. A luta contra a dengue no Complexo do Alemão (8/10/2011); 9. Os prejuízos para comerciantes e moradores provocados por um incêndio no mercado São Braz em Campo Grande (29/10/2011); e 10. Os cursos profissionalizantes gratuitos oferecidos na zona norte (31/10/2011).

representam os moradores de suas comunidades e constroem notícias supervisionadas por jornalistas da emissora. O Parceiro do RJ constitui-se em experiência inovadora por permitir à audiência uma mobilidade simbólica: a passagem do lugar de recepção para o de produção. Destacam-se três das cinco estratégias enunciativas estabelecidas no diálogo com o público já referidas e também mantidas na narrativa do RJTV1ª edição: informar, como a reportagem sobre o banco comunitário de Saracuruna em Duque de Caxias que troca reais por saracuras, moedas que podem ser usadas em diferentes estabelecimentos garantindo desconto nos produtos para os consumidores para aquecer o comércio local; promover a cidadania, como as reportagens sobre a luta de voluntários contra a dengue no Complexo do Alemão e sobre os cursos profissionalizantes gratuitos oferecidos na Tijuca; e, principalmente, fazer a mediação entre a população e os poderes públicos, como ocorre nas reportagens sobre os danos causados à saúde pela não retirada de entulhos na Chácara do Céu e pelo esgoto a céu aberto em Campo Grande, e sobre moradias muito precárias da Cidade de Deus e em São Gonçalo que oferecem perigo aos moradores. Reportagens sobre expressões culturais constituem-se em pautas privilegiadas na editorialização do Parceiro do RJ porque propõem uma abordagem menos preconceituosa dos moradores de favelas como a matéria sobre a prática da arte do movimento nas comunidades do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo, valorizando uma reconhecida escola de dança de salão ali instalada. Os VTs colaboram para uma percepção mais expandida da geografia e das condições socioeconômicas e culturais do Estado que nunca coube apenas nas paisagens e nos comportamentos da cidade do Rio de Janeiro como a mídia ainda insiste em mostrar. Não apenas as vozes de cidadãos comuns, de representantes de associações e/ou organizações da sociedade civil, do poder público e de moradores do eixo zona sul-centro, mas também da zona oeste e da baixada Fluminense passam a fazer parte dos personagens que disputam a atenção da sociedade, como no RJ Móvel. E em alguns momentos suas aspirações são, efetivamente, legitimadas por meio de depoimentos que expressam suas reivindicações e seus direitos, como a sonora de um morador do bairro de Santa Rosa em Queimados, revoltado com a falta de pavimentação das ruas cobertas com lama: “o bairro de Santa Rosa é um bairro esquecido. Viver com dignidade não é um favor, é um direito nosso porque a gente paga imposto” (28/11/2011).

Porém, a maioria dos depoimentos nessas matérias ainda restringe o cidadão comum ao papel da vítima desamparada, atribuindo à população uma fragilidade de enunciação e de exercício da cidadania capaz de ser solucionada apenas pela intervenção da TV como um poder suprainstitucional e de inquestionável credibilidade, como indicam as sonoras de quatro das dez reportagens analisadas sobre problemas graves enfrentados pela população, provocados pelo descaso das autoridades. O depoimento de Sueli, mãe de três filhos, e moradora de área de risco em São Gonçalo, sem receber o benefício do aluguel social desde que sua casa foi interdita após os estragos causados pelas chuvas de janeiro de 2010, é um exemplo: “me sinto muito pequena, muito pequena, impotente” (26/10/2011).

Outro exemplo é o Selma, moradora de uma das casas provisórias da precária área da Triagem na Cidade de Deus: “Viver aqui nas triagens é muito difícil, viver aqui a gente vive sem liberdade, sem ter uma moradia digna para oferecer para os nossos filhos, vivemos apertados... aqui nós nos sentimos totalmente abandonados” (20/10/2011).

Os modos como essas enunciações são trabalhadas na narrativa destas reportagens do Parceiro do RJ, como de outras matérias do RJTV, sustentam que a cumplicidade da televisão e o estabelecimento de um vínculo com o telejornal são as únicas chances de a população carente poder conquistar a cidadania. A tensão desse jogo narrativo é diluída por meio de um reforço do uso da linguagem cada vez mais coloquial do noticiário, por meio da inclusão de gírias não utilizadas nas matérias dos repórteres do RJTV, e de elementos do humor, o que revela uma tendência cada vez maior da mistura de notícia e entretenimento no jornalismo televisivo. São exemplos as matérias sobre a Escola Técnica de Artes em Nova Iguaçu, dedicada à formação de profissionais especializados na confecção de adereços para teatro e carnaval, e sobre os cursos profissionalizantes gratuitos oferecidos na Tijuca.

Nas reportagens do Parceiro do RJ a narração em *off* é menos utilizada do que nas demais matérias do noticiário, e há uma tendência de os parceiros serem ao mesmo tempo repórteres e personagens, utilizando muitas vezes a primeira pessoa em seus relatos. Mas a possibilidade de terem uma câmera na mão não gera, necessariamente, combinações mais inventivas entre texto e imagem, tampouco uma representação mais diversa do cotidiano social. Ao mesmo tempo em que o cidadão comum ganha o lugar de produtor e as notícias permitem maior identificação por parte do público, e o vídeo amador pode ser usado como furo jornalístico (SANTOS, 2011, p. 109), as reportagens veiculadas raramente geram uma intervenção radical na narrativa jornalística audiovisual, sem a força dos vídeos experimentais, por exemplo, que nos anos 1980 rasgaram padrões estéticos e lançaram temáticas ainda proibidas na pauta da mídia no Brasil.

Embora as matérias do Parceiro do RJ funcionem como instrumentos de ruptura de mediações, aparentemente livres das intencionalidades e das amarras da linha editorial do noticiário, as narrativas são previsíveis. Há pouca inovação na forma e no conteúdo na edição dos VTs, os quais seguem o mesmo modelo das reportagens produzidas pela equipe do RJTV (SOARES, 2011), até porque as matérias são mesmo orientadas pelos jornalistas da emissora, e, em alguns casos, ainda carecem de contextualizações e informações importantes sobre o fato relatado que, muitas vezes, é veiculado em nota pé no texto do âncora, complementando as informações de um determinado acontecimento. Além disso, o Parceiro do RJ funciona de maneira muito semelhante ao RJ Móvel, inclusive por meio das vinhetas que anunciam ambos os quadros durante a exibição do noticiário. São destacados no corpo do telejornal, mas, ao mesmo tempo, são mantidos à margem das enunciações dos demais repórteres, do âncora, dos comentaristas e dos jornalistas que participam da apresentação do telejornal no estúdio, sem ganhar a mesma importância

e hierarquia, assim como ocorre com os depoimentos populares. O RJ Móvel quase sempre é protagonizado pelos repórteres Ana Paula Santos e Rogério Coutinho. Tanto eles quanto os parceiros do RJ, e até mesmo o âncora, sugerem que o exercício de suas mediações é marcado de maneira expressiva por uma palavra de ordem que sustenta quase toda a narrativa do noticiário: cobrar. A estrutura narrativa das matérias realizadas pelos repórteres do RJ Móvel e do Parceiro do RJ, e os diálogos estabelecidos entre o âncora Vandrey Pereira e o repórter Rogério Coutinho nas edições de 18 e 21 de outubro de 2011, e entre o âncora e os parceiros Rafael e Iuri na edição de 17 de outubro de 2011⁵ são mesmo muito parecidos.

Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado

Os parceiros do RJ mostram mais de perto os problemas de suas comunidades, mas suas identidades ainda são difusas na tela da tevê, oscilando entre aprendizes de repórteres e ativos representantes dos moradores, fragilizadas e diluídas no corpo do telejornal, como a própria audiência, ainda que todo o texto do noticiário seja construído para captar a atenção dos telespectadores. A posição da audiência está inscrita numa complexa estrutura significativa. Os telejornais constroem não só a audiência (VIZEU, 2005), mas também os modos de participação dos telespectadores oferecendo-lhes um lugar de protagonistas nas enunciações, mas apenas aparentemente. Os discursos dos noticiários televisivos valorizam mais aos enunciadores como atores sociais principais e a necessidade de sua existência do que a população no exercício de suas mediações. Os telejornais locais não cumprem apenas seu papel informativo essencial nas sociedades democráticas, mas intervêm nas relações sociais e funcionam como uma engrenagem mecânica invencível que absorve o acaso e as tensões do cotidiano, reelabora e redimensiona os problemas e a relevância das novidades; os telejornais se mantêm enfrentando conflitos e marchando, simbolicamente, com determinação e coragem em direção à conquista do bem-estar social, sob os aplausos da população, que pode se expressar, mas em funções previamente permitidas, para afirmar ou negar proposições elaboradas pelo próprio noticiário.

Nesse processo, os telejornais expõem incompetências dos poderes públicos e atribuem a si o poder de solucionar conflitos provocados pelo descaso de autoridades. As *hard news* sobre furtos, crimes, transtornos causados à população por chuva forte, explosão de depósitos clandestinos de botijões de gás, falta de vagas em hospitais públicos, e vans controladas por milícias, como as pautas do período analisado, revelam tensões e graves problemas do Rio de Janeiro, e são bastante exploradas nesse noticiário, inclusive com o uso frequente de suítes que muitas vezes tornam os fatos relatados ainda mais dramáticos, construídas como capítulos de novela. Além disso, quase todas as notícias têm um curto tempo de duração e são apresentadas como um mosaico nem sempre permitindo que os telespectadores compreendam o acontecimento em toda a sua complexidade (BECKER, 2005).

5 Estas matérias podem ser acessadas em <http://globotv.globo.com>, no link: parceiro-do-rj.

Mas as intervenções pedagógicas dos âncoras e repórteres conferem ao noticiário um poder de organização do caos cotidiano, despertando a confiança do telespectador (VIZEU, 2008). O uso dos recursos audiovisuais, inclusive das trilhas sonoras, gera um apagamento das fronteiras entre a realidade e a ficção. As pessoas de menor poder aquisitivo muitas vezes são representadas de maneira estereotipada, pitoresca, trágica ou sensacionalista, mas a narrativa do noticiário provoca sentimentos de empatia, sedução ou comoção. Assim como um maestro da cidade que por meio da sua batuta evita o descontrole urbano marcado por muitas instabilidades e inseguranças, o RJTV 1ª edição não deixa de informar e proporcionar à audiência credibilidade e significativas doses de otimismo no enfrentamento da vida cotidiana, por meio de comentários quase sempre associados às matérias mais leves referentes às manifestações culturais e à *fait divers*, os quais também compõem o espelho do telejornal, e muitas vezes encerram uma determinada edição. À audiência, que transita entre o lugar de observador e de observado, resta a liberdade de aceitar ou rejeitar esse jogo de enunciações, o que é raro acontecer, não apenas em função da ausência de outras instituições públicas de maior credibilidade, mas também porque o jornalismo é uma forma de compreensão do mundo. Mas a audiência também tem a liberdade de interpretar as histórias contadas nessa máquina de produção de sentidos e conhecer suas regras de funcionamento, percebendo, por exemplo, que as notícias não correspondem a um ideal de total transparência, são o resultado mais ou menos ambíguo da intersecção entre informação e desinformação, verdade e artifício (MARTÍN-BARBERO, 2001), e que sua maior participação na retórica do telejornal nem sempre implica uma descentralização do poder da mídia.

Sem dúvida, O Parceiro do RJ traz pautas e comunidades sem lugar na tela da tevê até então e constitui-se como projeto inovador. Porém, a maioria das reportagens segue o padrão do jornalismo comunitário da emissora e os cidadãos são retratados da mesma maneira que nas demais matérias do noticiário. Desse modo, a inclusão desses telespectadores-repórteres não contribui de maneira relevante para a prática de um jornalismo audiovisual de maior qualidade. Reafirma, no telejornalismo, a tendência da explosão de acesso, produção e distribuição de vídeos por diferentes comunidades no ciberespaço, uma tendência que nasceu no movimento de resistência cultural na segunda metade do século XX, mas que perdeu o radicalismo de sua expressão na sociedade contemporânea. Revela-se que a ausência de fronteiras entre produtores e receptores, entre profissionais e amadores na televisão ainda é uma utopia. As inserções de novos atores sociais na produção de mídia podem gerar alterações estéticas e de conteúdo nas práticas jornalísticas, por meio de reportagens mais contextualizadas, críticas e criativas. Por enquanto, os âncoras, os comentaristas, os repórteres e os parceiros do RJ já estão todos misturados na tela da tevê, mas cada um do no seu quadrado. Afinal, a mídia não deixa de reproduzir as desigualdades, as exclusões, os preconceitos, e as disputas de poder do mundo real. Por outro lado, em alguns momentos os discursos dos noticiários e as transmissões ao vivo também

promovem transformação social, e não apenas conservação do *status quo* porque os jogos discursivos podem gerar mudanças (DAYAN; KATZ, 1999; FAIRCLOUGH, 2001; BECKER, 2005). Abrir espaço para uma maior participação da audiência em diferentes meios não garante o reconhecimento de diferentes universos de significação e de práticas jornalísticas mais democráticas porque o outro tende a se tornar o mesmo na retórica da mídia, na qual seus discursos são naturalizados. Observa-se no telejornalismo local um apagamento da alteridade que não beneficia o diálogo, cultivando uma socialização superficial. Mas se a recorrência de depoimentos populares nos telejornais locais torna comunidades, durante muito tempo excluídas da mídia, visíveis sob determinados enquadramentos, ao mesmo tempo os noticiários constroem um ambiente no qual as comunidades têm possibilidade de ampliar a percepção de si mesmas, bem como da realidade que as faz oprimidas. Este trabalho não tem pretensão de esgotar a temática proposta e pode ser ampliado em outro recorte do objeto de investigação por meio de um estudo da recepção e do acompanhamento da produção das reportagens do Parceiro do RJ.

Beatriz Becker é professora do curso de pós-graduação e do departamento de Expressões e Linguagens da Eco-UFRJ.

beatrizbecker@uol.com.br

Referências

- BECKER, B. (2012). Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais, São Paulo, *Matrizes*, Ano V, n.2, p. 231-250, jan.-jun.
- _____. (2009). Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção, Florianópolis, *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Ano VI, n. 2, p. 95-111, jul.-dez.
- _____. (2007). *Como, onde, quando e porque fala a audiência nos telejornais*. Estudo de Comunicação/Communication Studies, Beira Interior: Labcom.
- _____. (2005). *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E- papers.
- CORREIA, J. C. (2005). *A teoria de comunicação de Alfredo Schutz*. Lisboa: Livros Horizontes.
- COUTINHO, I.; MATA, J. (2010). Dos personagens à incorporação do público: uma análise sobre o lugar do cidadão no telejornalismo. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.). *60 Anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular.
- DAYAN, D.; KATZ, E. (1999). *A história em directo, os acontecimentos mediáticos na Televisão, Minerva*. Coimbra: Edição portuguesa Minerva.
- FECHINE, Y. (2006). Regime de interação na TV e experiência urbana. In: PRYTHON, A. (Org.). *Imagens da cidade, espaços urbanos na comunicação e culturas contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina.
- FAIRCLOUGH, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB.
- GOMES, I. M. M. (2011). Tendências do telejornalismo brasileiro no início do século XXI:

telejornalismo popular e *infotainment*. In: FREIRE FILHO, J.; BORGES, G. (Orgs.). *Estudos de televisão, diálogos Brasil-Portugal*. Porto Alegre: Sulina.

MACHADO, A. (2003). *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. (2001). *Os exercícios do ver*. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC São Paulo.

RESENDE, F. (2006). O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo. In: SOUSA, M. W. (org.). *Recepção mediática e espaço público: novos olhares*. São Paulo: Paulinas.

SOARES, L. C. A. S. (2011). *Participação da audiência e qualidade do telejornal: um estudo do quadro Parceiro do RJ*. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social/ Jornalismo. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ.

VIZEU, A. (Org) (2008). *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes.

_____. (2005). *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra.

WELTMAN, F. L. (2006). *Cidadania e audiência no telejornalismo comunitário da Rede Globo*. Trabalho apresentado no I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, UFBA, Salvador.

*Artigo recebido em junho
e aprovado em agosto de 2012*